

Presença, ausência e apagamento: a vivência de mulheres negras no jornalismo esportivo, uma primeira aproximação de pesquisa¹

Natália Souza Andrade²

Resumo

Mulheres negras são a minoria no jornalismo e isso se reflete no jornalismo esportivo, em especial na cobertura de futebol de ambos os gêneros. Este trabalho visa abordar a vivência de mulheres negras no jornalismo esportivo, entendendo, através de seus relatos, como o gênero e a raça interferem na rotina profissional e como a corporeidade é vivenciada nesses espaços. Partindo dos conceitos de interseccionalidade, dispositivo de racialidade e pacto narcísico da branquitude.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo; mulheres negras; interseccionalidade.

O Censo 2022 aponta que mais de 56% da população é negra (considerando o conjunto de pretos e pardos) e que dessa população, cerca de metade é composta por mulheres. Porém, essa diversidade não se reflete nas transmissões esportivas. Mulheres negras frente às telas são raras e o mesmo ocorre fora delas.

Com isso, mais que apontar um fato que é visível - a ausência de mulheres negras nas redações esportivas - esse trabalho pretende entender como essas mulheres se percebem e como o dispositivo de raça atua no cotidiano profissional delas.

Cida Bento (2022) aponta o pacto narcísico da branquitude - uma relação cerceada por medo do diferente e proteção dos iguais, ainda que de forma implícita - como uma das causas para que a ausência de pessoas negras não seja notada ou vista como um problema. Sendo as pessoas brancas a maioria na detenção de direitos e execução de poder social, o que é diferente causa medo e ativa um instinto de autoproteção, que visa reafirmar esses direitos e exercer esse poder em detrimento do que é visto como diferente, neste caso, pessoas racializadas.

Ao se construir durante séculos, uma relação hierarquizada, em que pessoas negras são vistas como inferiores, ocupar certos lugares se torna não apenas um privilégio, mas também um direito natural de pessoas brancas. Divide-se o mundo entre bom e ruim, onde ruim é sempre o outro, o diferente, e nesse caso, o outro é sempre a

¹ Trabalho apresentado no GP de esporte e comunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG. Jornalista.Repórter da ESPN Brasil. Integrante do Coletivo Marta. E-mail: nataliaandradebdf@gmail.com.

pessoa negra. Nesse contexto, é difícil admitir que a ausência de corpos negros em determinados espaços seja um problema das pessoas brancas e não algo natural, dado a priori. Assumir que existe essa desigualdade é também assumir que existe um problema a ser resolvido.

Para falar de racismo, precisamos inicialmente definir o que estamos tratando enquanto racismo. No trabalho, pretendo me debruçar no conceito de dispositivo de racialidade, cunhado por Sueli Carneiro, que diz respeito à forma como o poder vigente tenta solucionar o problema racial eliminando sujeitos não padrão, neste caso, pessoas negras, de forma literal e simbólica, tanto permitindo que sejam mortas quanto minando sua vida em sociedade e sobre as formas como ele incide nos corpos das jornalistas negras. Tendo desenvolvido a discussão acerca das questões raciais, será utilizado o conceito de interseccionalidade, cunhado por Crenshaw (1989), que diz respeito à forma como diferentes questões sociais se cruzam formar uma nova questão, que é resultado das primeiras e ao mesmo tempo diferente de ambas, para analisar as diferentes opressões as quais as jornalistas estão sujeitas. Essa análise será feita através do método da roleta da interseccionalidade de Carrera (2021), que apresenta uma roleta com diversas situações, como raça, gênero e geolocalização, cada uma em uma cor, e uma seta, que ao ser girada, aponta para uma situação sob a qual o objeto deve ser analisado, observando se aquela situação está ou não presente, afim de entender quais situações compõe aquele objeto e as interseccionalidades as quais ele está sujeito.

Aproximação de pesquisa

Pacheco e Silva (2020) realizaram pesquisa com 38 jornalistas esportivas de Belo Horizonte, que apontou 4 mulheres autodeclaradas negras, 3 pardas e 8 não quiseram se autodeclarar. Isso aponta tanto para a ausência de mulheres negras no jornalismo esportivo quanto para o incômodo que questões raciais causam ao serem abordadas.

Pilar, Souza e Vimieiro (2023), em um Survey realizado com 127 jornalistas, 8% se declaram negras/pretas e 15% se declarando negras pardas. Chama a atenção no trabalho a dificuldade que as respondentes têm em nomear as violências das quais são vítimas. Com isso, esse trabalho busca não só ouvir as mulheres negras, mas deixar que elas falem das próprias vivências, afim de não só demonstrar um fato visível e já demonstrado em outros trabalhos, que é a ausência dessas mulheres, mas também

compreender de que forma se dá a vivência e o entendimento dessas mulheres sobre sua corporalidade no ambiente de trabalho e nas situações que o permeiam.

Referências

BENTO, Maria Aparecida Silva. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARRERA, Fernanda. **Roleta interseccional**: Proposta metodológica para análises em comunicação. ECompós, Rio de Janeiro, p. 1-22, 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2022.html?edicao=10503&t=destaques/. Acesso em: 19 ago. 2024.

VIMIEIRO, Ana Carolina; PILAR, Olívia; SOUZA, Rafaela Cristina de. **Quem são as mulheres do jornalismo esportivo brasileiro?** Demografia, funções desempenhadas, veículos que as empregam e desafios interseccionais. Belo Horizonte. Anais do Intercom, 2023. p. 1-14

CARNEIRO, Maria Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. São Paulo. Feusp, 2005. 339 p.

CRENSHAW, Kimberlé. **Desmarginalizando a interseção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e política antirracista**. University of Chicago Legal Forum, 1989.